Maracanã sustentável: um estudo sobre a questão ambiental nos megaeventos esportivos

Sustainable Maracanã: a study on the environmental issue in mega sport events

Maracanã soutenable: étude sur la question environnementale dans les méga-événements sportifs

Maracana sustentable: un estudio sobre la cuestión ambiental de los mega eventos deportivos.

Victor Arouca Gomes

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/1923>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.1923

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Refêrencia eletrónica

Victor Arouca Gomes, « Maracanã sustentável: um estudo sobre a questão ambiental nos megaeventos esportivos », *Espaço e Economia* [Online], 7 | 2015, posto online no dia 12 abril 2016, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/1923> ; DOI : 10.4000/espacoeconomia.1923

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NuPEE

Maracanã sustentável: um estudo sobre a questão ambiental nos megaeventos esportivos

Sustainable Maracanã: a study on the environmental issue in mega sport events

Maracanã soutenable: étude sur la question environnementale dans les méga-événements sportifs

Maracana sustentable: un estudio sobre la cuestión ambiental de los mega eventos deportivos.

Victor Arouca Gomes

Introdução e Metodologia

- 1 A intenção do artigo foi refletir como a concepção hegemônica de sustentabilidade – na qual o meio ambiente é tratado como mercadoria – vem sendo utilizada dentro da organização dos Megaeventos Esportivos que serão realizados na cidade do Rio de Janeiro, demarcando como estudo de caso para exemplificar bem o tema, o estádio Jornalista Mario Filho (Maracanã).
- 2 O Maracanã é especialmente importante para a compreensão da temática ambiental nestes megaeventos esportivos por que: [1] ele é palco privilegiado nessas competições que ocorrerão no Brasil, onde aconteceu o encerramento (jogo final) da Copa do Mundo FIFA 2014 e acontecerá a abertura e encerramento da Olimpíada do Rio de Janeiro; [2] historicamente, é um estádio-símbolo do futebol e do próprio esporte, – por conta de já ter sido o maior do mundo, recebendo vários jogos importantes de clubes e seleções de todo o globo – em diferentes escalas, seja local, nacional ou mundial, e, em sua história carregou diferentes ideologias, do populismo de sua construção ao período militar-desenvolvimentista, chegando ao atual sistema neoliberal; e por fim, [3] o Rio de Janeiro tornar-se-á capital do esporte mundial durante os Jogos Olímpicos.

- 3 Vale alentar que tanto a Copa do Mundo quanto as Olimpíadas, particularmente, se pretendem sustentáveis, e desta maneira, o Estádio do Maracanã obrigatoriamente deve apresentar condições “ecologicamente corretas” para ser o local de destaque em ambas as competições.
- 4 Esse tema foi escolhido porque o Brasil é mais especificamente a cidade do Rio de Janeiro, vem sediando já há algum tempo muitos megaeventos – Rock in Rio, Jornada Mundial da Juventude, Copa do Mundo, Rio +20, entre outros – e ainda sediará alguns pela frente – Jogos Olímpicos –; sendo assim, a cidade se encontra em pleno processo de transformação em vários âmbitos, como o político, econômico, simbólico e social. Devido à magnitude das transformações que estão ocorrendo e também pela força da concepção de sustentabilidade, atualmente estes dois temas estão sofrendo ampla discussão, e este trabalho contribui para o debate ao reunir estas duas temáticas sob o olhar da geografia.
- 5 Para realização deste trabalho, utilizamos como base para análise a teoria crítica, a partir de revisão bibliográfica (consulta a periódicos e páginas eletrônicas sobre o assunto) combinada com trabalhos de campo.
- 6 Alguns autores específicos que fazem críticas ao desenvolvimento sustentável e ao modelo de megaeventos foram utilizados como: Arlete Moysés Rodrigues (2005) e Leandro Dias de Oliveira (2012), que trazem questionamento ao conceito de desenvolvimento sustentável; Thales de Andrade (1998), que é um autor que pensa a atual espetacularização da natureza; e Gilmar Mascarenhas (2011), Demian Garcia Castro e Christopher Gaffney (2015) e Fernando Ferreira (2013), que trabalham de forma mais crítica os megaeventos esportivos.

A ideologia do desenvolvimento sustentável¹

- 7 No mundo moderno, principalmente a partir da Revolução Industrial – por conta da consolidação de uma ética antropocêntrica – a cultura humana desvencilhou-se da natureza; se antes eram entendidas conjuntamente, tornaram-se praticamente distintas e “sem ligação”. Da mesma maneira, a partir desse momento histórico, o desequilíbrio social começou a se agravar, e fenômenos como o êxodo rural, desemprego, inchaço das cidades, má distribuição de riquezas, entre outros, indicam de antemão as aproximações entre as crises ambientais e sociais.
- 8 Esses problemas se tornam mais evidentes durante meados do século XX, onde a revolução tecnológica acontece de forma mais veloz e acaba agravando problemas como a poluição, o medo de destruição, o receio de perda de qualidade de vida, o crescimento das diferenças sociais, entre outros.
- 9 A ONU, em 1962, apontou que os recursos naturais eram providenciais para que acontecesse o desenvolvimento econômico e disse que esse desenvolvimento acontecendo em países mais pobres, poderia por em risco os recursos naturais, embora já fosse conhecido que o maior uso [e abuso] das riquezas naturais ocorria nos países do centro do sistema, mostrando uma proteção aos países mais ricos.
- 10 Nas décadas seguintes, os problemas ambientais continuaram crescendo, então a própria ONU decidiu no ano de 1972, montar a sua [Primeira] Conferência Mundial de Desenvolvimento e Meio Ambiente, em Estocolmo, na qual a principal proposta de solução da crise veio da influência do Clube de Roma, que segundo Oliveira (2005), tinha como principal objetivo trabalhar a problemática do aumento populacional e a pressão

exercida por este crescimento na destruição dos ecossistemas e dos recursos não renováveis. Este estudo trouxe como solução a busca por um suposto equilíbrio global – congelando o crescimento, algo esquizofrênico em relação ao próprio regime de acumulação – trazendo assim à tona, as primeiras discussões sobre desenvolvimento sustentável.

- 11 Assim, as políticas para diminuir a degradação ambiental e o esgotamento de seus recursos continuavam a seguir a lógica de manutenção de reprodução do capitalismo, onde se destacava “o interesse de obstruir os países ditos subdesenvolvidos e estimulá-los a seguir a cartilha dos países mais desenvolvidos” (OLIVEIRA, 2005, p. 34).
- 12 De acordo com Oliveira (2005), mal acabou a conferência, aconteceu um fato que os países centrais mais temiam que acontecesse, um enfrentamento com os países periféricos, na chamada “Crise do Petróleo”, o que só fez agravar a crise ambiental, criando assim debates árduos sobre quais eram os limites dos recursos naturais não renováveis.
- 13 Os impasses de Estocolmo fizeram com que nas décadas seguintes acontecesse um avanço tecnológico e industrial de maneira muito rápida, sendo obtido sem nenhuma preocupação ambiental. Isto acabou por fazer com que a técnica e a ciência continuassem a subjugar a natureza, indo a favor apenas dos grandes lucros. Devido a esse problema, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou em 1983 a criação de uma equipe para trabalhar essa questão ambiental. Essa comissão acaba publicando em 1987 o conhecido Relatório Brundtland, cujo título é “Nosso Futuro Comum”.
- 14 Esse relatório define a ideia de Desenvolvimento Sustentável como “aquele que atende às necessidades do presente, sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1988, p. 46). Esse estudo realizado trazia, entre outras questões, a necessidade de administrar o crescimento populacional e de controlar o esgotamento dos recursos. Foi sob essa influência que a ONU convocou a [Segunda] Conferência Mundial de Desenvolvimento e Meio Ambiente, que foi realizada em 1992 na cidade do Rio de Janeiro.
- 15 Segundo Oliveira (2005), essa conferência conhecida como Eco-92, ficou caracterizada pela celebração do Desenvolvimento Sustentável, através, principalmente, da assinatura de um documento conhecido como Agenda 21. Assim,

a Agenda 21 é a grande bíblia para implementar o Desenvolvimento Sustentável. Oferece um verdadeiro plano de metas gerais para serem cumpridas religiosamente por todos os “interessados” em alcançá-lo. Influindo em diversas áreas e criando políticas diretivas bastante abrangentes, tudo passa a ser definido segundo a sua “sustentabilidade”. A impregnação da “sustentabilidade” em toda política econômica e social mostra claro interesse em contaminar a todos com este ideal e com a carga de convicções que contém. (OLIVEIRA, 2005, p. 35)
- 16 No século XXI, a ONU organizou mais duas conferências para tratar da temática que foram nomeadas de Rio +10 e foi realizada na cidade de Johannesburgo na África do Sul e a Rio+20 que foi realizada na cidade do Rio de Janeiro no Brasil, todos com o objetivo de discutir e fiscalizar se os compromissos acertados nas conferências anteriores estão realmente sendo postos em prática.
- 17 Partindo dessa ideia, segundo Rodrigues (2005), podemos dizer que o desenvolvimento sustentável, por meio da busca de legitimação científica com diferentes definições de sustentabilidade, realizou a façanha de reunir visões antagônicas, mesmo sem nenhuma formulação sobre, por exemplo, quais são os limites na utilização de recursos ou sobre os limites das ciências para compreender a biosfera. Portanto, busca-se legitimar o

desenvolvimento sustentável com definições sobre sustentabilidade social, política, econômica, territorial, ecológica, espacial. Porém, cada uma dessas definições é contraditória em relação à outra; por exemplo, a sustentabilidade econômica é contraditória com a ideia de sustentabilidade social. O meio ambiente passa, assim, a ser o tema mais importante do final do século XX e início do século XXI.

- 18 Para Oliveira (2012), o desenvolvimento sustentável se mostra como um modelo pragmático baseado no contexto político-econômico vigente, que atende às demandas ambientais do mercado global, oferecendo um mecanismo de regulação para aproveitamento máximo dos recursos. Não é por outro motivo que o desenvolvimento sustentável possui maleabilidade econômica, sendo adaptável com modelos de livre-mercado ou de maior planejamento/intervenção governamental.
- 19 Portanto, a lógica neoliberal nos revela ideologias que veem a questão ambiental como um problema de ordem técnica, que, a partir, de novas tecnologias inventadas, se tornará possível de contornar. Segundo esta lógica, devemos permanecer acreditando que a técnica é capaz de reverter todos os problemas ambientais já identificados, imaginando de forma arrogante que, através desse avanço tecnológico, podemos alcançar o controle total da natureza.
- 20 A própria ideia de desenvolvimento sustentável se revela uma ideologia que fica disfarçada por um discurso de proteção a natureza, com a aparência de uma receita para a salvação do mundo, que nos traz uma ilusão de um discurso menos agressor em relação ao domínio da sociedade sobre a natureza.
- 21 Sendo assim, o desenvolvimento sustentável se mostra como uma ideologia que pode ser representada, segundo Oliveira (2005), por dois objetivos centrais: [1] a manutenção da reprodução do capitalismo e sua consolidação global no controle da natureza enquanto recurso; e [2] a manutenção da pressão centro/periferia através da gestão dos recursos naturais dos países periféricos. Portanto, podemos concluir que a ideia de desenvolvimento sustentável não veio para tentar resolver os problemas ambientais existentes, porque ele apenas funciona como um ajuste da ordem vigente, sem atacar de fato os pilares hegemônicos da conjuntura atual. O desenvolvimento sustentável acaba por favorecer a classe dominante, atendendo as suas necessidades, mantendo o sistema atual e as disposições em vigor.
- 22 Quando tratamos do desenvolvimento sustentável com relação às classes dominadas, podemos perceber que essa ideologia aparece de fato como um mecanismo de dominação, descaracterizando a luta de classes, pois ela trás a ideia de que os seus dogmas são universais e funcionam de forma igual para todos, transformando essa ideologia em um grande senso comum.
- 23 Seguindo esta ideia, Thales de Andrade (1998) diz que, essa discussão ambiental também pode ser considerada um fenômeno estético, pois ela pode receber um tratamento dramatizado e ficcional. Isso porque ela pode ser tratada de várias formas assim como em “montagens e enredos, ensaios e performances, flash-backs e videoclipes, serializado, um espaço cênico de interpretações e fórmulas de protagonização” (ANDRADE, 1998, p. 109), se configurando assim também como um grande espetáculo.
- 24 Esta ideia de espetacularização – “uma forma de transformar em festa, em criar uma noção de participação coletiva” (ANDRADE, 1998, p. 110) – pode ser plenamente associada à questão ambiental. Hoje em dia, podemos perceber que, com o crescimento da temática – tomando grande espaço não só mais nas cúpulas de governo ou dentro das universidades,

mas também nas televisões, cinema e rádio –, podemos perceber que o debate se tornou bem mais amplo e agora “incluindo” toda nossa sociedade, com um painel complexo se organizando em torno do espetáculo ecológico. Houve uma mudança na forma de se enxergar o meio ambiente: não somente pelo fato de ter ocorrido uma adequação de algumas políticas públicas, mas também por terem surgido ações coletivas da sociedade em si, fazendo com que a discussão ambiental tomasse um tom mais participativo e integrador, possibilitando que a comunidade também seja um agente que possa identificar os problemas e tomar decisões para resolvê-los ou minimizá-los, mesmo que isso seja em pequena escala.

- 25 Segundo Andrade (1998), com esse debate chegando aos canais populares de comunicação, tudo passa a se tornar mais complexo, pois existe um quebra-cabeça a ser montado para que tudo isso faça sentido, tendo que organizar as formas de divulgações do tema, para que isso se torne mais atrativo para a cultura de massa. Portanto, este espetáculo ecológico se torna algo muito complexo, pois ele acaba unindo elementos da cultura moderna que são extremamente contraditórios, mostrando assim a sua força.
- 26 Essa espetacularização da discussão ambiental acaba gerando todo um mercado, já que as diversas formas de destruição ambiental e poluição, como a poluição do ar e a derrubada da vegetação, faz com que acabem surgindo não mercadorias planejadas, mas sim mercadorias que são assimiladas, como comercialização do *slogan* do “lugar verde que possui ar limpo” “próximo da natureza” de alguns condomínios, como também de outros tipos de produtos, como camisas com dizeres a favor da preservação e qualquer outro produto que possa utilizar esse “selo verde”.
- 27 É sob este argumento de espetacularização que a sustentabilidade é praticada de maneira geral nos atuais megaeventos esportivos, e também sob os auspícios desta noção ideológica de desenvolvimento sustentável que o Maracanã realizou adequações ambientais como *slogan* e propaganda, cheias de contradições e com um particular viés mercadológico.

O estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã): das massas ao “Padrão FIFA”

- 28 Em 1946 o Brasil se candidatou a sediar a Copa do Mundo de Futebol Masculino, sendo homologado como país-sede, para organizar a copa que seria realizada em 1949, mas foi adiada para o ano de 1950 (MOURA, 1998; TEIXEIRA, 2004). Não custa apontar que há nesta escolha do lugar um profundo exercício de geografia e de geopolítica (OLIVEIRA, 2011), captando, na eleição dos países e das cidades-sede de determinados eventos, um pouco da atmosfera do momento vivido.
- 29 Após a confirmação de que o Brasil sediaria a copa, passou-se então a discutir como se daria essa organização. Então ficou decidido que na capital federal o Rio de Janeiro seria construído um estádio com recursos federais e que deveria ser uma obra monumental, para mostrar para o mundo a força e magnitude da nação brasileira. O Maracanã nasce sob uma ideologia nacionalista e que deveria mostrar a força do desenvolvimento do Brasil.
- 30 De acordo com Gaffney (2015), o Maracanã já passou por diferentes administrações ao longo de sua existência, começando pela Prefeitura do Rio de Janeiro no período entre 1950 e 1960, depois com a criação do Estado da Guanabara, o estádio passou a ser

administrado pela Associação Esportiva do Estado da Guanabara (ADEG). Com a fusão dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, em 1975, a Superintendência Desportiva do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ) passou a administrá-lo. Porém, em 2013, o estádio foi concedido para a iniciativa privada que passou a administrá-lo através de um consórcio, o que facilitou seu processo de elitização.

- 31 O Maracanã aos poucos foi construindo um sentimento de identidade junto com a população da cidade, isso fez com que o Estádio tivesse uma centralidade popular, pois ele e todo o seu complexo, que foi erguido posteriormente, passaram a ser utilizados não apenas em dias de eventos, mas também para a simples prática de esportes no seu entorno, já que o bairro possui poucas áreas públicas que favoreçam a prática esportiva, tendo praticamente como única opção o Complexo do Maracanã e os equipamentos ao seu redor, como a ciclovia. Afinal,
a construção do estádio de futebol (cujos múltiplos usos transcendem a esfera esportiva) no terreno que anteriormente abrigara o Derby Club (prática turfística), seguida da inauguração do Ginásio Poliesportivo Gilberto Cardoso (Maracanãzinho), em 1954, do Estádio de Atletismo Célio de Barros (1974) e do Parque Aquático Júlio Delamare (1978), vieram a reforçar, além de sua centralidade popular, a identidade esportiva do bairro. (FERREIRA, 2013, p. 8)
- 32 Frequentado por torcedores de todos os grandes times da capital fluminense, palco de grandes jogos – da final da Copa do Mundo de 1950, do milésimo gol de Pelé e mesmo de clássicos com recordes de público – o “velho” Maracanã não estava mais adequado ao novo padrão de estádios de futebol. A nova ordem é a construção de estádios com torcedores mais passivos.
- 33 Com a nomeação da cidade do Rio de Janeiro como um dos palcos da Copa do Mundo de 2014 e sede dos Jogos Olímpicos de 2016, a tendência [já bastante sentida] é que o estádio passe de um estádio das massas, como foi concebido anteriormente – chegando a receber quase 200.000 pessoas em um jogo –, para um estádio com sua capacidade máxima caindo para menos de 80.000 pessoas, completamente elitizado com o fim dos setores populares e o encarecimento dos preços para quem quiser frequentá-lo.
- 34 Esse tipo de mudança fez com que os megaeventos esportivos se preocupassem cada vez menos com o caráter esportivo e cada vez mais em serem estimuladores estratégicos de reprodução do capital, comandada pelas grandes empresas, cada vez mais se inserido na chamada “sociedade do espetáculo” de Debord (2003). Afinal,
O espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias. Mas se o dinheiro dominou a sociedade enquanto representação da equivalência central, isto é, do caráter permutável dos bens múltiplos cujo uso permanecia incomparável, o espetáculo é o seu complemento moderno desenvolvido, onde a totalidade do mundo mercantil aparece em bloco como uma equivalência geral ao que o conjunto da sociedade pode ser e fazer. O espetáculo é o dinheiro que se olha somente, pois nele é já a totalidade do uso que se trocou com a totalidade da representação abstrata. O espetáculo não é somente o servidor do pseudo-uso, é já, em si próprio, o pseudo-uso da vida. (DEBORD, 2003, p. 36- 37)
- 35 A reforma feita no Maracanã foi custeada com recursos públicos no valor de quase 1 bilhão e 300 mil reais², no entanto, ao final de sua obra foi feita uma licitação para escolher um consórcio para administrar o Maracanã pelos próximos 35 anos. O consórcio vencedor foi o montado pelas empresas IMX, Odebrecht e AEG Administração de Estádios, onde essas tinham previstas algumas intervenções em todo o complexo do Maracanã, como a demolição do Parque Aquático Júlio Delamare, do Estádio de Atletismo Célio de

Barros, da Escola Municipal Arthur Friedenreich e do prédio histórico do antigo Museu do Índio. Devido ao grande clamor popular e inúmeras manifestações de resistência, a demolição desses equipamentos foi deixada de lado, mostrando assim uma vitória da população frente esse modelo capitalista predatório.

- 36 Portanto, esse “Novo Maracanã” que foi erguido está cada vez mais deixando de lado o espírito do antigo estádio, que foi criado para as massas, abrangendo todas as classes, com torcedores participativos e vibrantes. Está paulatinamente se tornando hoje em dia um estádio elitizado e completamente excludente com torcedores passivos que parecem muito mais estar em um cinema do que assistindo uma partida de futebol.
- 37 O padrão FIFA se mostra como uma invenção que inscreve definitivamente o futebol na lógica de uma mercadoria extremamente lucrativa; portanto, este padrão, tão insistentemente contestado nos últimos tempos, é uma tentativa de fazer do espetáculo futebolístico algo próximo a uma sessão de cinema ou teatro. O “Padrão FIFA”, sob este olhar, é ruim até mesmo para os apaixonados pelo próprio futebol. É sobre o encontro, sob as bênçãos do capitalismo, entre o “padrão FIFA de qualidade” e a concepção de sustentabilidade que trataremos a seguir.

“Maracanã Sustentável”: espetacularização e contradições

- 38 De acordo com Gaffney (2015), os megaeventos esportivos no Brasil indicam uma forte tendência à elitização, transformando a paisagem das cidades, para gerar contratos lucrativos tanto para a construção civil quanto para a rentabilidade dos equipamentos esportivos antes, durante e depois do evento. Estas transformações que estão em curso no Rio de Janeiro não fogem desse quadro.
- 39 Seguindo essa ideia, Castro et al. (2015), dizem que a realização desses megaeventos no Rio de Janeiro demonstram a expressão de um projeto urbano de reestruturação da cidade que é sustentada por uma união de interesses políticos, econômicos e sociais. Partindo disso, os autores apontam que,
- essas mudanças são legitimadas discursivamente pela realização desses megaeventos e do suposto legado social que os mesmos seriam capazes de proporcionar à cidade. Não por outra razão, a Prefeitura do Rio de Janeiro denomina de Projeto Olímpico ao conjunto de intervenções planejadas para a cidade, incorporando sob esta marca tanto as intervenções vinculadas à Copa do Mundo 2014 como às das Olimpíadas de 2016. (CASTRO et al., 2015, p. 12)
- 40 Portanto, após o Brasil ser confirmado como país-sede dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de Futebol Masculino, as entidades máximas organizadoras de cada evento, o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), encaminharam para os Comitês Organizadores Locais (COL), órgãos responsáveis pela organização de forma mais local, caderno de encargos, com ações a serem tomadas pelos COLs, para a realização desses megaeventos. Dentro desses encargos existem algumas ações que devem ser tomadas com relação à sustentabilidade para construção das arenas futebolísticas e modificações nas cidades-sede em si.
- 41 A FIFA traz um caderno de encargos³ mais voltados à realização do próprio evento, com especificações para a construção das arenas, hotéis, aeroportos e mobilidade urbana,

deixando um pouco de lado ações que realmente causem alguma melhoria de vida para a população daquele local.

- 42 Com relação ao conjunto das ações sustentáveis para as cidades-sede que a FIFA traz, as únicas que realmente aconteceram, foram os estádios edificadas recebendo a certificação de arenas sustentáveis e o investimento em reformas de parques naturais, que segundo o ICMBio, os Ministérios do Meio Ambiente e do Turismo, investirão juntos cerca de R\$ 668 milhões⁴ na melhoria da infraestrutura de 22 parques espalhados pelo Brasil. Da mesma maneira, no que se refere aos encargos relacionados à sustentabilidade das Olimpíadas⁵, esses são muito melhor detalhados no plano de gestão e sustentabilidade olímpicos, alterando muito mais o cotidiano da população residente nas cidades-sede que o da Copa do Mundo, tendo quatro pontos principais: a responsabilidade, a inclusão, a integridade e a transparência, sendo esses subdivididos em vários outros pontos.
- 43 Nesse plano olímpico, são abordados vários temas relacionados à sustentabilidade, tanto no âmbito específico do meio ambiente urbano como no cotidiano da população residente. Tendo alguns desses projetos já iniciados, outros em planejamento e alguns poucos já concluídos, estão sendo realizadas reuniões bienais entre os órgãos organizadores, para a discussão do andamento dos projetos das ações sustentáveis. Analisar o Rio de Janeiro Olímpico e Sustentável requer um esforço que extravasa este trabalho, mas não parece ir muito além da superficialidade das ações de praxe neste campo de ação.
- 44 Como foi dito, o Estádio do Maracanã e todas as outras arenas construídas ou reformadas para a realização dos Jogos Olímpicos e da Copa do Mundo de Futebol Masculino, tiveram que apresentar certificações de arenas sustentáveis, com valor internacional para poderem receber esses megaeventos. Neste item, o Maracanã escolheu a certificação da *Leadership in Energy and Environmental Design* (LEED)⁶, buscando uma certificação apenas básica, por se tratar apenas de uma reforma e de algumas partes da construção não poderem ser alteradas, por conta do tombamento de parte dela, o que em tese dificultou a implantação de ações sustentáveis mais eficazes. O projeto do Maracanã sustentável incluiu ações que vão desde a reutilização dos recursos hídricos à busca de uma melhor eficiência energética.
- 45 Portanto, após essa última reforma o Maracanã passou a incorporar algumas práticas sustentáveis⁷, como podemos assim sintetizar:
- 46 Com relação à reutilização dos recursos hídricos, o Maracanã passou a recolher a água da chuva através da sua cobertura, para a reutilização dessa água nos banheiros, como, por exemplo, nas pias, descarga e mictórios e também no processo de irrigação do gramado do estádio, reduzindo em cerca de 30% a utilização de água potável nesses procedimentos;
- 47 No caso da eficiência energética, todos os equipamentos utilizados no estádio são de alta performance, como os aparelhos de ar-condicionado e bombas mecânicas, diminuindo assim a utilização da energia elétrica. Outra ação utilizada é a utilização de 23.500 lâmpadas com a tecnologia LED, que também auxilia nessa redução do uso de energia;
- 48 Ainda com relação à redução do uso da energia, o novo Maracanã economizará em torno de 8% de energia com um novo sistema elétrico, que prevê a automação e o controle de elevadores, escadas rolantes, ventilação e iluminação dos ambientes. Todo esse sistema diminui o custo de operação do espaço e evita o desperdício de energia, através do desligamento automático de luzes;

- 49 A cobertura do Maracanã também recebeu painéis fotovoltaicos que transformam a energia solar em elétrica. O uso de energia solar no aquecimento da água dos vestiários e em parte do sistema de automação dos elevadores e escadas rolante também está na lista de procedimentos sustentáveis⁸;
- 50 Mais uma ação tomada foi a utilização de estratégias para evitar a contaminação do solo, da água e do ar durante as obras e operação do estádio. Dentro dessas estratégias, podemos citar a proteção de bueiros, a utilização de trincheiras drenantes e tapumes, para evitar que impurezas infiltrem no solo e no ar, proteção e identificação das árvores e cursos de educação ambiental dados para os colaboradores que participaram das obras;
- 51 O concreto demolido da cobertura, arquibancada, entre outras partes do Maracanã foi tratado, fazendo com que cerca de 30.000m³ desse concreto (o equivalente a 75% dele) pudesse reutilizados em toda a obra de reforma do Maracanã e em outras obras públicas, com os vergalhões sendo enviados para a reciclagem;
- 52 Quando o gramado antigo do Maracanã foi retirado, os técnicos responsáveis perceberam que o solo que havia embaixo desse gramado era bastante rico em matéria orgânica, então esse solo foi protegido e separado em montes, para que esse não fosse desperdiçado, sendo esse depois destinado a outras obras com fim paisagístico e agricultura;
- 53 Toda a madeira empregada na modernização é certificada com o selo FSC (Forest Stewardship Council) e o cimento e o aço utilizados têm conteúdo reciclado. A reforma contou ainda com materiais de baixo índice de Composto Orgânico Volátil, o que ajuda a reduzir as emissões de gás carbônico. A lama proveniente da perfuração das estacas da fundação foi destinada a uma cerâmica e se transformou em 2,1 milhões de tijolos e 560 mil telhas.
- 54 Portanto, algumas ações realmente foram tomadas na construção do novo Maracanã para transformá-lo em um estádio moderno e sustentável, porém podemos ver que essas ações são muito pequenas para realmente considerá-lo um estádio sustentável – vide o fato dele almejar apenas o nível básico da certificação sustentável, dentro dos quatro níveis possíveis. Mas, a ideia vendida e comprada facilmente pelo público é de um estádio 100% sustentável, sem a divulgação de fatos como esse que mostram que a sustentabilidade do estádio está longe de ser completa.
- 55 Todavia, nem é esta a questão que aqui se coloca: a rigor, o legado deste investimento bilionário não deveria estar rigorosamente circunscrito ao Estádio do Maracanã; aliás, entendendo o meio ambiente como algo ubíquo e indivisível, investimentos desta natureza deveriam se espalhar por toda a cidade, a região metropolitana e, por que não, unidade da federação. Isto revela o quão a sustentabilidade aqui empregada é seletiva e mercadologicamente instituída, como uma valorosa etiqueta fixada junto à mercadoria produzida.
- 56 Com isso, podemos concluir que essas poucas ações sustentáveis feitas durante a operação e construção do novo estádio do Maracanã servem apenas para mascarar outras ações completamente insustentáveis, tomadas pelos órgãos responsáveis pela organização dos megaeventos, como a tentativa de demolição de outros equipamentos públicos o Parque Aquático Júlio Delamare, o Estádio de Atletismo Célio de Barros e a Escola Municipal Arthur Friedenreich, que se encontram dentro do complexo esportivo do Maracanã, todas essas ações foram impedidas, graças a manifestações populares.
- 57 Outra ação temerária desses órgãos foi a remoção de comunidades do entorno, sem a apresentação de projetos para a área e de qualquer justificativa associada ao interesse

público. As duas principais comunidades ligadas ao Maracanã que estavam em um plano de remoção foram: a Aldeia Maracanã, que por conta também do apelo popular e das manifestações acabou sendo mantido o prédio, porém a comunidade indígena foi removida – agora o prédio está tombado pelo INEPAC/RJ e pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade/RIO e antes das Olimpíadas de 2016 deverá ser restaurado e virar o Centro de Referência da Cultura Viva dos Povos Indígenas⁹; e a comunidade do Metrô, que se encontra em frente a estação do metrô do Maracanã, esta não conseguiu se salvar e passou por esse processo de remoção – vale ressaltar que uma parte dessa comunidade foi removida e reassentada em Cosmo, sub-bairro de Campo Grande, a mais de 50 quilômetros do local e as famílias que resistiram vivendo em meio aos escombros das casas demolidas das famílias que haviam saído, conseguiram ser reassentadas em Conjuntos Habitacionais a menos de dois quilômetros do local.

- 58 Segundo Gaffney (2015), o Museu do Índio apesar da promessa dos gestores do Município e do Maracanã de virar um centro de cultura indígena, tem no seu estado atual do prédio um completo abandono – não dando condições de ninguém sobreviver sem correr risco no local –, sem nenhuma perspectiva de começar a prometida obra de restauração.
- 59 A abordagem dos temas sustentabilidade e responsabilidade socioambiental deverá ser cada vez mais empregada em eventos, independente do porte que possuam e do público que atinjam, pois fazem parte da cartilha atual de qualquer grande ação público-privada. Torce-se aqui para que tais termos sejam pensados como contribuições para o meio ambiente e para a população inserida no contexto onde acontecerá o evento em questão. Espera-se que o *marketing* verde deixe de ser usado somente como ferramenta de conseguir visibilidade e lucro para o organizador e passe a ser objeto de todo um planejamento sério e estruturado.
- 60 Portanto, o Maracanã não era insustentável ambientalmente, e sua mudança para sustentável não pode ter matriz ecológica. Por que transformar em sustentável algo que não era insustentável? A sustentabilidade do Maracanã, assim como dos Jogos Olímpicos, da Copa do Mundo de Futebol Masculino e de todo megaevento, é uma necessidade econômica, um *slogan*, uma propaganda a mais, uma ideologia; é a espetacularização do meio ambiente como desserviço à população dessas cidades.

Considerações finais

- 61 No decorrer do trabalho pudemos perceber que a sustentabilidade – se entendêssemos como salvaguarda das riquezas naturais – não é uma invenção, e sim uma necessidade, para que possamos garantir uma qualidade de vida para as futuras gerações. Porém, sob o sistema capitalista vigente, sempre haverá a apropriação dessa concepção, para alcançar o seu objetivo de acumular cada vez mais. Sendo assim, a sustentabilidade se torna muito mais uma exigência do capitalismo contemporâneo, como ideologia e como prática, e sua prática, por sua vez, está longe de implicar em uma relação mais harmônica entre sociedade e natureza.
- 62 No âmbito dos *megaeventos*, em parte retratados pelo presente trabalho, uma das questões que se coloca, como de grande relevância para uma crítica contundente acerca da sustentabilidade, é a falta de fato um plano de gestão principalmente na Copa do Mundo que ultrapasse as arenas, para que possa ocorrer realmente um desses eventos de forma “sustentável”, não ligando essa sustentabilidade apenas ao mote ambiental, mas se

preocupando também com as questões sociais, econômicas e simbólicas já existentes nas cidades-sede.

- 63 Durante todas as fases de planejamento, execução e conclusão dos megaeventos, a sustentabilidade é tratada apenas como um “slogan”, uma maneira de espetacularizar essa ideia e utilizá-la para outros fins, como mascarar as ações realizadas por seus gestores que caminham de encontro com as necessidades da população local, como a tentativa de destruição de equipamentos esportivos e de uma escola que existem no entorno do Maracanã, que só não acontecerão por conta de um apelo popular muito forte, realizado através de manifestações. Mas, infelizmente, uma dessas ações foi realizada, que foi a remoção da favela Metrô-Mangueira.
- 64 Portanto, podemos concluir que os megaeventos esportivos trazem como principal mercadoria o esporte, e isso aplica uma condição *just-in-time* até mesmo em seus estádios; eles estarão sempre inacabados, pois a cada evento novas necessidades virão, tendo em vista que o estádio do Maracanã precisará passar por novas obras para se adequar as exigências olímpicas. Necessidades estas que são inventadas, não obrigatoriamente embelezam o espetáculo e sequer trazem como exigência benefícios para aqueles que apreciam o futebol. A sustentabilidade tem assim o seu papel cumprido: servir como mote de reestruturação.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Thales de. Cultura do espetáculo e a estetização do ambiente. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo, ano 1, n. 3/4, p.109-126, jul./dez. 1998.

CADERNOS DE ENCARGOS DA FIFA. *Estádios de Futebol: Recomendações e Requisitos Técnicos*. 5ª Ed. FIFA, 2011. Disponível em: <http://www.secopa.ba.gov.br/sites/default/files/Caderno%20de%20Encargos%20da%20FIFA%20-%205a%20edicao%20-%202011%20-%20Portugues%20-.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2015.

CASTRO, Demian Garcia; GAFFNEY, Christopher; NOVAES, Patrícia Ramos; Rodrigues, Juciano Martins; SANTOS, Carolina Pereira dos e SANTOS JUNIOR, Orlando Alves. O Projeto Olímpico da Cidade do Rio de Janeiro: reflexões sobre os impactos dos megaeventos esportivos na perspectiva do direito a cidade. In: CASTRO, Demian Garcia; GAFFNEY, Christopher; NOVAES, Patrícia Ramos; Rodrigues, Juciano Martins; SANTOS, Carolina Pereira dos e SANTOS JUNIOR, Orlando Alves (Org.). *Rio de Janeiro: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. p. 11-40.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espectáculo*. Coletivo Periferia, 2003. Disponível em: www.geocities.com/projetoperiferia. Acesso em: 12 fev. 2014.

DOSSIÊ do Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro. *Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro*. Vários autores, Rio de Janeiro, 2011.

GAFFNEY, Christopher. A construção de equipamentos esportivos voltados para a elite na cidade do Rio de Janeiro. In: CASTRO, Demian Garcia; GAFFNEY, Christopher; NOVAES, Patrícia Ramos; Rodrigues, Juciano Martins; SANTOS, Carolina Pereira dos e SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos

(Org.). *Rio de Janeiro: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015. p. 117-144.

FERREIRA, Fernando da Costa. Maracanã: de centralidade popular a arena para a sociedade do espetáculo. In: XIII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. 13., 2013, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2013. CD-ROM

MASCARENHAS, Gilmar et al. *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

MARCONDES, Felipe. Sustentabilidade em eventos esportivos: um estudo de caso do estádio do Mineirão. *Revista RETC*, n. 12, p. 61-67, abr. 2013.

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. 168p.

ODEBRECHT ARENAS. Disponível em: <http://www.odebrechtarenas.com.br/estadio/maracana#section-sobre-a-obra>. Acesso em: 15 mar. 2015.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. A ideologia do desenvolvimento sustentável: notas para reflexão. *Tamoios*, n. 2, p. 33-38, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/viewFile/648/683>.

OLIVEIRA, Leandro Dias de. A geopolítica do desenvolvimento sustentável: reflexões sobre o encontro entre economia e ecologia. *Carta Internacional*, v. 7, n. 1, p. 118-139, jan./jun. 2012. Disponível em: Disponível em: <http://cartainternacional.abri.org.br/index.php/Carta/article/download/54/36>.

RIBEIRO, Fernando Telles. Legado de Megaeventos Esportivos Sustentáveis: A Importância das Instalações Esportivas. In: RODRIGUES, Rejane Penna; PINTO, Leila Mirtes Magalhães; TERRA, Rodrigo; DACOSTA, Lamartine P (Org.). *Legados de Megaeventos Esportivos*. Ministério do Esporte, 2008. p. 107-116.

RIBEIRO, Fernando Telles. Instalações Esportivas – Planejamento e Desenvolvimento. In: DACOSTA, Lamartine Pereira. *Atlas do Esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Desenvolvimento sustentável: a nova roupagem para a velha questão do desenvolvimento. In: DE GRAZIA, Grazia (Org.). *Direito à cidade e meio ambiente*. Rio de Janeiro: Fórum Brasileiro de Reforma Urbana, 1993. p.12-20.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Problemática Ambiental. *Agenda Política, Espaço, Território, Classes Sociais*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 83, p. 91-110, 2005.

TEIXEIRA, Roberto Sander. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

NOTAS

1. O termo da ideologia do desenvolvimento sustentável tratada nesse trabalho é referente a teoria apresentada por Leandro Dias de Oliveira [Consultar: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/648/683>, acessado em: 04 fev. de 2015], que discute como, no tempo presente, a natureza é enxergada eminentemente como mercadoria, funcionando como um mecanismo de alienação e dominação de classe.

2. Para dados mais detalhados ver: <http://www.transparencia.gov.br/copa2014/cidades/execucao.seam?empreendimento=50>. Acessado em: 04 fev. de 2016.

3. Ver mais em: <http://www.secopa.ba.gov.br/sites/default/files/Caderno%20de%20Encargos%20da%20FIFA%20-%205a%20edicao%20-%202011%20-%20Portugues%20-.pdf>. Acesso em 22 jun. de 2015.

4. Ver mais em : <http://oglobo.globo.com/sociedade/sustentabilidade/governo-investe-015-do-prometido-no-programa-parques-da-copa-12624725>. Acessado em: 15 jan. de 2016.

5. Ver mais em: <http://www.rio2016.com/transparencia/sustentabilidade>. Acesso em: 23 de junho de 2015.

6. Ver em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/novo-maracana-uso-de-energia-solar-e-economia-de-agua-e-luz>. Acesso em: 22 Jun. de 2015.

7. Os dados citados foram retirados em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDkEG-osezc>, <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/novo-maracana-uso-de-energia-solar-e-economia-de-agua-e-luz> e http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo;jsessionid=898E637AD2B3C3536ECC580F81326EE0.lportal2?p_p_id=exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ&p_p_lifecycle=0&p_p_state=pop_up&p_p_mode=view&_exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ_str%2Fext%2Fexibeconteudo%2Fview&_exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ_groupId=103138&_exibeconteudo_INSTANCE_2wXQ_articleId=1546901&_exibeconteudo_IN. Acessado em: 22 jan. de 2016.

8. O recebimento de placas fotovoltaicas para a captação de energia solar em uma área de 2,5 mil m² sobre o anel de compressão do Maracanã tem capacidade para gerar 528 mil kwh por ano – cerca de 20% do que ele consome, o equivalente ao consumo anual de 240 residências. O investimento, avaliado em R\$ 6 milhões, ainda pretende evitar o despejo de 2,5 mil toneladas de gás carbônico na atmosfera.

Ver: <http://conexaolight.com.br/01/maracana-solar-energia-limpa-no-palco-da-final-da-copa-de-2014/>. Acesso em: 22 jun. 2015.

9. Informação encontrada no site: <http://aldeiamaracana.com/>. Acesso em: 5 dez. 2015.

RESUMOS

Ao nosso ver, o conceito de sustentabilidade tornou-se ferramenta de manipulação por parte dos grupos dominantes. Associada aos mega-eventos, esta concepção é utilizada como um *slogan* segundo o qual a realização deste tipo de acontecimento não vai senão melhorar a cidade e o futuro dos seus habitantes. O presente artigo analisa o caso do Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã), que sofreu intenso processo de modernização por conta da Copa do Mundo (2014) e dos Jogos Olímpicos (2016) sob a égide da sustentabilidade.

We believe the concept of sustainability has become a manipulation tool for dominant groups. Associated to mega-events, this idea is widely used as a slogan which sells these events will improve the city and the future of its inhabitants. This paper takes a look at the Jornalista Mario Filho Stadium (Maracanã), which suffered intense modernization due to the World Cup (2014) and the Olympic Games (2016) under the idea of sustainability.

A notre avis, la conception de sustentabilité est devenue un outil de manipulation par les groupes dominantes. Associée aux méga-événements, elle est utilisée en tant qu'un *slogan* : l'événement ne va qu'améliorer la ville et le futur de ses habitants. Dans ce texte, on analyse le cas du Stade Journaliste Mário Filho (Maracanã), qui a subi un intense processus de modernisation en fonction de la Coupe du Monde (2014) et des Jeux Olympiques (2016) sous l'égide de la sustentabilité.

Este trabajo pretende discutir la concepción de sustentabilidad, que se convirtió por medio de su “espectacularización” en un instrumento de manipulación de los grupos dominantes. La sustentabilidad, viene siendo usada en los mega eventos como una especie de “slogan” para vender la imagen, que el evento está ayudando a construir un futuro mejor del lugar donde el ocurre. En este artículo, se analizará el estadio Jornalista Mario Filho (Maracanã), que sufrió un profundo proceso de modernización para el mundial de futbol y los juegos olímpicos y utilizó los supuestos del modelo sustentable.

ÍNDICE

Keywords: sustainability, mega sport events, World Cup, Olympic Games, environmental issue

Palabras claves: sustentabilidad, Mega eventos deportivos, Mundial de futbol, Juegos Olímpicos, cuestión ambiental.

Palavras-chave: sustentabilidade, megaeventos esportivos, Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, questão ambiental

AUTOR

VICTOR AROUCA GOMES

Graduado em Geografia [UFRRJ] e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro [PPGDT/UFRRJ]. Membro do LAGEPPE – Laboratório de Geografia Econômica e Política e Práticas Educativas [DEGEO-UFRRJ]. Email: varouca86@gmail.com